

## **Eixo Temático 6-Educação, Ciência e Tecnologias**

### **O PROFESSOR NA EDUCAÇÃO ONLINE: UM POR TODOS E TODOS POR UM ?**

Márcia Alves (UFPE)

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade apresentar e discutir os resultados de um estudo de caso sobre as interações construídas numa cadeia de docentes de uma mesma disciplina, ofertada em um curso de graduação a distância, de uma instituição pública no Estado de Pernambuco. Em alguns cursos online, os docentes vêm aprendendo através de uma prática compartilhada a construir estratégias para solucionar problemas comuns, em conjunto. Desta forma, estudamos os docentes, que desempenharam funções de tutores e professor formador, em suas reuniões de acompanhamento e avaliação dos alunos, buscando compreender como ocorreram as interações entre eles. Trouxemos aqui os resultados da primeira sessão destas reuniões. A partir da análise de conteúdo, nossos resultados indicaram que há uma docência compartilhada entre os tutores virtuais e o professor formado, tendo como base um modelo de interação cooperativa. Além disso, nossos resultados indicaram que o grupo estudado se caracterizou enquanto uma comunidade de prática.

**Palavras chave:** docência compartilhada, comunidade de prática, educação online.

## **1. Introdução**

A expansão da modalidade de educação a distância (EAD) no nosso país é uma realidade. Esta modalidade exige novas habilidades e competências profissionais para o docente, modificando seus papéis e funções profissionais e, conseqüentemente, exigindo novas formas de interação e comunicação entre seus pares, quer presencialmente quer em ambientes virtuais colaborativos. Nas instituições de ensino superior que oferecem a modalidade EAD encontram-se diferentes estruturas com relação à atuação do docente. Esta estrutura deveria basear-se num modelo de ensino cooperativo, condicionado pelo contexto misto, virtual e presencial, dos cursos. Entretanto, em algumas instituições encontramos a figura de um único docente responsável por todo o processo de ensino-aprendizagem, inclusive pelo desenvolvimento dos materiais e conteúdos disponibilizados, semelhante ao ensino presencial. Em outras, encontramos uma equipe multidisciplinar que divide suas funções entre: docentes ou executores, tutores (virtual e presencial) e autores. Nesta última estrutura não existe mais a figura do docente como única pessoa responsável pelos processos de ensino e aprendizagem. Assim, o docente em EAD parece assumir e compartilhar diferentes papéis e funções. Diante deste cenário, buscamos investigar que tipo de interação é construída entre os diversos docentes de uma mesma disciplina, num curso de EAD.

## **2. Docência Compartilhada, uma nova perspectiva para EAD**

Na EAD, especialmente em cursos on-line, o docente se depara com uma nova realidade, um novo ambiente e por sua vez terá que desenvolver novas habilidades e competências. Estas não se limitam apenas a manipulação e a apropriação de artefatos tecnológicos, mas de novas pedagogias e, conseqüentemente, uma nova postura de sua prática como afirma Bruno (2008. p.2) "quando o ser humano muda, o educador muda. Esta certeza subsidiou o desenvolvimento dos conceitos de mediação partilhada e interação digital".

Para Silva (2009), compartilhar significa partilhar, do latim vulgar *divisare*, significa distribuir em partes, alteração do latim clássico *dividere*, dividir. O grande desafio do docente parece ser em estar aberto a construir novas práticas que superem a

fragmentação dos saberes para uma prática que permita uma construção coletiva, através da troca e da partilha. Neste modelo, o professor não é mais o dono do saber e a sua identidade é construída com elementos individuais e coletivos de outros docentes como discutem Fernandes & Tilton (2008, p.2)

Os docentes da EAD vem aprendendo através de uma prática compartilhada, construir estratégias para solucionar problemas comuns. Fazem parte do que podemos chamar de Comunidade de Prática. Uma comunidade se caracteriza pelo interesse comum dos seus membros. Não é simplesmente um agregado de pessoas em um determinado espaço, mas são pessoas definidas por algumas características que aprendem, constroem e “fazem” a gestão do conhecimento (WENGER, 1998). Para Wenger (1998) “uma comunidade existe porque ela produz uma prática compartilhada, como membros empenham-se num processo coletivo de aprendizagem”.

Uma comunidade de prática pede que os indivíduos, através da interação dialogada, criem a oportunidade de mudança de uma prática individualizada para uma prática coletiva e democrática. O aprender com o outro, no diálogo com seus semelhantes (FREIRE, 2005) parece ser um caminho quando se observa uma proposta de uma comunidade de prática. Para que se constitua numa prática compartilhada, a comunidade deverá partir de uma relação democrática que permita a construção da autonomia docente, como elemento pertencente a um modelo de docente crítico-reflexivo. Esses são elementos fundamentais como afirma Piaget (1994) para a construção de interação cooperativa.

A compreensão do todo é necessária na docência online em EAD. É preciso que todos os docentes de uma determinada disciplina trabalhem em conjunto, gerindo os processos de ensino e aprendizagem de cada um de seus alunos. Para isso, a instituição formadora deve possuir um bom projeto, de forma que a interação cooperativa entre seus pares promova a docente compartilhada.

### **3- Ensino e aprendizagem online**

O tutor, profissional responsável pelo processo ensino aprendizagem, precisa estar constantemente conectado para tirar dúvidas e orientar os alunos nos espaços virtuais. Essas dúvidas são de ordem técnica, pedagógica e de conteúdo. Portanto, o profissional responsável pelo processo ensino e aprendizagem tem que apresentar formação necessária para dar suporte ao aluno.

A necessidade de mudança epistemológica e da prática do professor tem sido superada ao longo do tempo através da formação continuada, que busca suprir os déficits da formação inicial e profissional. Dentro dessa formação encontra-se a apropriação do docente nas tecnologias da informação e comunicação, para Mercado (1998, p.07) “o que se espera do professor no século XXI é que saiba manejar os instrumentos que a cultura irá indicar como representativos dos modos de viver e de pensar civilizados, específicos dos novos tempos”.

A figura do educador não desaparece com ensino a distância, o que está desaparecendo é o perfil do professor que apenas transmite informações desatualizadas, acumulativas e que não se apropria das novas tecnologias de informação e comunicação, limita-se à visão única e exclusivamente do espaço escolar para o ensino e aprendizagem.

Diante dessa realidade o profissional de educação deverá desempenhar um novo papel, deixando uma prática bancária de ensino aprendizagem para uma prática docente que assume uma nova lógica. Como define Kenski (2008), o educador deverá apresentar-se não mais como detentor do monopólio do saber, mas como parceiro, que caminhe e oriente os alunos diante das múltiplas possibilidades e formas de alcançar o conhecimento e de se relacionar com ele.

Surge então a necessidade de definir um novo perfil de profissional da educação, que atenda às exigências educacionais do novo paradigma. Não basta a ele apenas a formação em sua especialidade; é necessário apropriar-se das novas teorias e das novas ferramentas tecnológicas de forma crítica e autônoma. O perfil profissional pede uma formação contínua, o trabalho de forma cooperativa, que possua práticas construtivistas e atitudes interdisciplinares e interativas, que seja investigador, pesquisador, crítico-reflexivo, que se alie a uma abordagem progressista para a construção da cidadania, que possua uma visão holística, trabalhe com projetos e se aproprie das inovações tecnológicas.

Ao recuperar a essência da função do educador, Almeida e Junior (2000, p. 96) enfatiza a mais nobre delas “um criador de ambientes de aprendizagem”; sendo assim, o professor precisa ampliar sua prática pedagógica e seus espaços e tempo de ensinar e de aprender como afirma Libâneo (2000, p.20) “os educadores precisam acompanhar de perto e criticamente propostas de formação de professores e de programas tipo ‘ensino a distância’ aventada pelo Ministério de Educação”. Acompanhar para se apropriarem, para modificarem o seu perfil profissional e não para serem engolidos por ela. Cria-se

então a necessidade de se buscar formação e o domínio de novas teorias de ensino e aprendizagem e técnicas, e isto deve fazer parte da rotina do educador da nova era.

#### **4-Metodologia do Estudo**

Com o objetivo de compreender melhor o que significa esta cooperação entre pares e como ela ocorre, estudamos um grupo de docentes que trabalha em conjunto num curso de graduação a distância online. Os resultados abaixo apresentados e discutidos fazem parte do primeiro estudo da minha dissertação de mestrado, de cunho qualitativo. Tratou-se de um estudo de caso sobre uma experiência de docência compartilhada em um IFET (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia), localizado no Estado de Pernambuco.

Observamos nove reuniões docentes, no período de junho a setembro de 2009, para análise, acompanhamento e avaliação dos processos de ensino e aprendizagem em na disciplina de Metodologia Científica, do curso de graduação a distância em Gestão Ambiental do sistema UAB (Universidade Aberta do Brasil). Foram realizadas cinco gravações de áudio e nove diários de observações. Para este artigo apresentaremos a análise e os resultados do primeiro dia de observação cujo resultado serviu de base para análise de todos os dias subsequentes. No primeiro dia escolhemos usar a transcrição de áudio para análise. Foram duas horas e meia de reunião gravadas, transcritas e analisadas.

Nosso estudo foi de natureza qualitativa, onde utilizamos a análise de conteúdo.

##### **4.1. Caracterização dos docentes da pesquisa**

O grupo estudado foi formado por sete docentes, com as seguintes funções: 1 professor formador, 5 tutores virtuais, 1 tutor coringa-suporte. O professor formador foi o responsável pelos processos de ensino e a aprendizagem da disciplina como um todo e pela equipe de docente, funcionando como um coordenador da disciplina. Os tutores virtuais foram responsáveis pela aplicação e pelo desenvolvimento da disciplina. São eles que tiraram dúvidas de conteúdo, da navegação no ambiente, orientaram as atividades, corrigiram as atividades e avaliaram os alunos. Os tutores virtuais participaram de encontros semanais com a equipe gestora dos docentes. O tutor-coringa foi um tutor experiente e antigo que ficou como suplente para auxiliar os mais novos.

## 4.2 A Análise da reunião dos docentes

A reunião teve como objetivo discutir o andamento das atividades desenvolvidas pelos alunos em um módulo do curso e buscar soluções para os problemas encontrados. As atividades, realizadas com os alunos do curso, discutidas foram: Questionário, Projeto, e Outras Atividades Complementares.

Focado nestes instrumentos de avaliação, os docentes discutiram sobre os temas: 1-Concepção de Avaliação; 2-Comunicação entre sujeitos do processo de ensino e aprendizagem; 3-Motivação do aluno; 4-Problemas técnicos; 5- Gestão da tutoria; 6- Estrutura da Instituição: Planejamento; 7-Experiência docente; 8- Estrutura da disciplina; 9- Estrutura do curso; 10-Experiência Discente; 11-Relação entre Ensino Presencial e a Distância e 12-Avaliação da Tutoria.

Observamos a grande quantidade de temas discutidos nesta reunião, que foram de diversas naturezas. É importante destacar que em todos os temas discutidos, o foco central sempre foi o aluno e como solucionar os problemas por eles enfrentados, dentro dos instrumentos de avaliação.

Podemos pensar que, como no ensino presencial o professor em EAD é responsável pela construção do conhecimento, ressaltando a preocupação com a aprendizagem do aluno. Diante disto, ele também é responsável pela avaliação do aluno, Moterle (2008, p.104) define que avaliar é uma atividade complexa tanto no ensino presencial quanto na modalidade a distância. Segundo Kenski (2003) saber avaliar parece ser um dos saberes que o professor precisa ter em sua prática, e que se configura em uma parcela dos diversos saberes que a construção da docência constitui no processo de mediação, além do incentivo à autonomia, promoção da interação, avaliação e feedback, saberes apropriados a partir de situações que vão sendo vivenciadas pelo professor na prática docente.

As formas de interação entre professores e alunos promovidos pelas ferramentas disponíveis em um ambiente de EAD, exigem formas de interação cada vez mais cooperativas e bilaterais. Essas interações promovem o feedback nas relações, pois uma avaliação formativa pede uma ação ativa do professor no processo de ensino e aprendizagem.

Diante da discussão construída pelos docentes uma das categorias que se destacou nesta reunião foi: problemas técnicos. Essa categoria permeou os objetivos da

reunião e contribuiu para o surgimento das outras categorias. Durante as duas semanas iniciais os alunos executaram atividades de questionários em que apresentaram vários problemas e entre eles a não inserção das notas no ambiente. As insatisfações dos alunos geraram muitas reclamações sobre os problemas encontrados.

Os problemas técnicos geraram insatisfações e desmotivações dos alunos. Isto é demonstrado na forma de comunicação dos alunos com os docentes através das mensagens. Essa forma de comunicação dos alunos gerou irritação dos docentes a ponto de promover a necessidade de controle na comunicação entre eles no ambiente. Os docentes sentiram sua postura ameaçada pelos alunos, como eles colocam: troca de papéis. Essa atitude reflete uma concepção de ensino e aprendizagem moldada na concepção tradicional, em que o professor exerce uma relação de poder face ao aluno não promovendo uma relação de reciprocidade, promovendo o autoritarismo e a submissão como discute Piaget (1983), na relação de mediação entre professor-aluno.

Para os docentes a concepção de avaliação dos alunos estava sempre ligada às notas geradas pelos questionários. A discussão gerada pelos alunos limitou-se à nota pela nota e não relacionando-as a questões de aprendizagem.

### 4.3 Participação Docente nas Reuniões

Quadro de frequência

Docentes	Freq. de Particip.
PROF1	334
PROF2	258
PROF3	313
PROF4	163
PROF5	59
PROF6	30

Quadro 1: Frequência de Participação

O quadro 1, revelou a frequência de participação dos docentes nas reuniões estudadas por nós. Nele observamos que o PROF1, tem como função a coordenação do grupo. Ele é quem mais aparece na frequência nos diálogos na reunião. Junto à ele temos o PROF2, que participa do grupo como “coringa”, termo expressado pelo mesmo,

para dar suporte à coordenação porque o número de alunos matriculados foi muito grande. O que é percebido durante as reuniões seguintes é que a participação do PROF2 vai diminuindo ao longo de processo, os problemas vão sendo resolvidos e não se faz necessário mais sua participação no grupo. O PROF3 foi o que mais participou da reunião após as duas anteriores, assim como os PROF4, PROF5 e PROF6 que exerceram a função de tutores virtuais. Talvez a grande participação do PROF3 se explique por já ter trabalhado com o PROF1 e por já ter participado da tutoria anteriormente pelo IFET. O PROF4 era o mais jovem do grupo, apresentou experiência como tutor anteriormente pelo IFET, e foi o segundo tutor que mais participou, inclusive trocando experiências assim como o PROF3. O PROF5 era o mais velho do grupo e esta foi sua primeira experiência como tutor. O PROF6 também estava iniciando sua primeira experiência na tutoria e, como o PROF5, foram os que menos participaram da reunião. O PROF6 passou a maior parte da reunião calado e observando, por ser o primeiro dia dele no encontro com o grupo.

O diálogo estabelecido pelo grupo de docentes permitiu que esta comunidade se comunicasse de tal forma, que promovesse a construção de um novo sujeito. Um sujeito capaz de perceber o outro não como concorrente, não como dono do conhecimento, mas aberto a troca através do diálogo e à promoção da aprendizagem, através da experiência do outro sem perder de vista a sua própria identidade.

*“Gente, não esqueçam que eu sou pedagoga, dou conta do conteúdo de metodologia da pesquisa e de ciências, mas vou precisar da ajuda de vocês nos conteúdos específicos trabalhados no projeto”.*(Prof 4)

Sem nenhuma crítica ou cerimônia o grupo escutou e respondeu positivamente ao pleito do professor.

Percebemos que o PROF1, apesar de ser a responsável pela disciplina, coordenando o curso e os tutores, não exerceu uma postura de autoridade de forma vertical e sim horizontal. Ele é respeitado pelo grupo e existiu uma relação sócio-afetiva que constitui esta relação. Em seu discurso encontramos orientação que buscam descentralizar as ações docentes:

*“Os alunos precisam aprender que muitas das mensagens que estão sendo enviadas para mim devem ser direcionadas aos tutores, apenas quando vocês não puderem deve ser repassadas para mim”*(PROF1.).



## 5. Conclusão

Observamos que de fato houve a formação de uma comunidade de prática entre os docentes estudados, nos moldes colocados por Wenger (1998). Mesmo desempenhando funções diferentes, de tutores e professor formador, o objetivo desta comunidade foi resolver os problemas de ensino e aprendizagem dos alunos, especialmente no que diz respeito à avaliação da aprendizagem.

A interação da tutoria foi cooperativa como vimos em Piaget (1994), aconteceu de forma democrática, permitindo a livre expressão dos docentes e a sua participação nas discussões, reflexões e resoluções dos problemas e, por fim, a avaliação da tutoria permitiu que os docentes percebessem o trabalho em grupo como um momento de aprendizagem que poderá promover a qualidade do curso.

Percebemos que durante a reunião os docentes construíram uma docência compartilhada como afirma Platone e Hardy (2004), apresentando suas inquietações, insatisfações e apresentando soluções para os problemas de forma cooperativa.

Entretanto, a função da tutoria parece ter sido limitada em tirar dúvidas dos alunos. Sua relação de interação se caracterizou de forma impessoal. A comunicação foi estimulada a limitar-se ao tirar dúvidas de conteúdos pré-definidos no curso.

A dificuldade de interação entre professor-aluno não é um dilema enfrentado pelo professor exclusivamente em EAD. No ensino presencial este é um tema bastante discutido dentro das teorias interacionistas. As dificuldades de interação dos docentes com os alunos no curso talvez tenham acontecido porque os docentes não têm o costume de encontrar, no ensino presencial, todas as reclamações disponíveis, como aconteceu no curso analisado. Neste ambiente virtual os docentes tiveram acesso a todas as mensagens dos alunos, incluindo todas as reclamações. A possibilidade de eles puderem fazer quantas reclamações quiserem e os docentes terem acesso a todas elas, é uma novidade tanto para o professor quanto para o aluno e talvez isto também os tenha assustado. O desafio maior pareceu estar em como construir uma interação de qualidade na relação entre docentes e alunos, pois esta é uma proposta de curso no modelo UAB e de um modelo de educação que prioriza a interação entre seus pares.

Troca de experiência foi uma das categorias que mais apareceu no grupo. Constantemente os docentes compartilharam suas experiências como forma de minimizar os problemas ou construir propostas para o desenvolvimento da disciplina.

Um curso online que possui uma proposta para a interação deve promover o feedback na relação professor-aluno, o que permite que o aluno não fique sozinho e se desmotive. Ao tirar as dúvidas dos alunos, inclusive relacionado-as ao conteúdo, o professor motiva a participação.

Os docentes, apesar de terem tido autonomia para mudanças esta foi limitada à estrutura da instituição, não podendo os tutores e nem o professor formador ultrapassar estes limites. Não se pode pensar na disciplina sem conhecer a realidade oferecida pela instituição, incluindo os seus limites e possibilidades, como foi o caso da mudança das datas.

O que percebemos é que o conhecimento que os docentes trouxeram, tanto com relação à modalidade quanto a sua experiência enquanto discente, foram elementos importantíssimos que levaram à motivação e que influenciaram no desempenho dos alunos.

Na fala dos docentes refletiram-se os mitos que rodeiam a nossa sociedade. Muitos alunos se inscrevem em um curso de EAD achando que é mais fácil, que vão estudar menos, necessitarão disponibilizar menos tempo, mas logo no curso, percebem que isto não é verdade, pelo contrário. O professor formador em seu discurso chamou a atenção para olharmos para a realidade dos alunos em que a maioria foi composta por público de jovens e adultos que estão no mercado de trabalho, portanto não podemos perder de vista o perfil desses discentes. Ele faz isto ao contar a dificuldade da aluna no acesso à execução de uma dada atividade.

Nossos resultados desvelaram um pouco da dinâmica de como é ser docente online em EAD. Também mostram a necessidade do trabalho integrado entre os educadores nesta modalidade, na relação mútua de ‘um por todos e todos por um’. Esperamos que nossa contribuição auxilie na ação dos demais grupos de docentes em EAD do sistema UAB.

## 6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, F. Junior. **Projetos e Ambientes Inovadores**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRUNO, Adriana Rocha. **Mediação partilhada e interação digital: tecendo a transformação do ser humano educador em ambientes de aprendizagem online, pela linguagem emocional**. in: Capítulo do livro Pesquisando Fundamentos para novas práticas na educação online. MORAES, Maria Candida; PESCE, Lucila; BRUNO, Adriana Rocha (orgs.). São Paulo: RG Editores, 2008.

FERNANDES, Denise Armani Nery e TITTON, Maria Beatriz Pauperio. **Docência Compartilhada: o desafio de compartilhar**. Retirado do site: [http://www.futuroeducacao.org.br/biblio/docencia\\_compartilhada.pdf](http://www.futuroeducacao.org.br/biblio/docencia_compartilhada.pdf), em 28/01/09.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KENSKI, Vani Moreira - **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KENSKI, Vani Moreira – **Educação e Tecnologias – O novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente**. Coleção da questão da nossa época v.67.4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação docente e novas tecnologias - Universidade Federal de Alagoas – Brasil**. IV Congresso RIBIE, Brasília 1998 Retirado do site: <http://www.url.edu.gt/sitios/tice/docs/trabalhos/210m.pdf>, dia 10/01/2009

MOTERLE, Roseli Rocha. **A construção da docência na educação a distância: um estudo de caso na Universidade do Oeste de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado em Educação, UNOESC, 2008.

PIAGET, J. **Estudos Sociológicos**. Rio de Janeiro: FORENSE, 1983.

PIAGET, J. **O juízo moral da criança**/ Jean Piaget; tradução Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

PLATONE, Françoise; HARDY, Marianne, (orgs.). **Ninguém ensina sozinho: responsabilidade coletiva na creche, no ensino fundamental e no ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Deonísio- **Etimologia Apesar da cabeçada** - Revista Caras- Edição 665 - Ano 13 - Número 31, 2009.

WENGER, Etienne. **Comunidades de Prática: Learning as a Social System Aprendizagem como um sistema social** by Etienne Wenger por [Published in the "Systems Thinker," June 1998] [Publicado no "Sistemas Pensador", junho 1998]. Retirado da internet dia 24/07/09. Site: <http://www.ewenger.com/theory>.